

Debate sobre a noção de planos da linguagem na semiótica discursiva contemporânea

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v48i1.2190>

Carolina Mazzaron de Castro¹

Resumo

Neste trabalho, pretendemos propor uma discussão teórica sobre a noção de planos da linguagem na semiótica discursiva contemporânea. Utilizaremos como metodologia de análise aspectos teóricos da Historiografia Linguística, empreendida por pesquisadores como E. F. K. Koerner, P. Swiggers e C. Altman, para que haja um cotejo mais preciso do material que pretendemos apresentar. O cópulo será composto dos estudos de autores que despontaram análises no âmbito da semiótica visual ou plástica, sendo eles: Lindekens, Floch e Thürlemann. Pressupomos que as análises apresentadas na contemporaneidade por Jacques Fontanille, Maria Giulia Dondero e Everardo Reyes-Garcia arrolam os debates empreendidos por Lindekens, Floch e Thürlemann e articulam os conceitos de substâncias e de formas do conteúdo e da expressão nas discussões contemporâneas, motivando o debate sobre a noção de planos da linguagem, principalmente ao desprender o plano da expressão do modelo teórico-metodológico até então consagrado na teoria.

Palavras-chave: conteúdo; expressão; Historiografia Semiótica; Semiótica discursiva.

¹ Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Araraquara, São Paulo, Brasil; carollcasttro@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-6392-1331>

Debate about the notion of planes of language in contemporary discursive semiotics

Abstract

This work intends to propound a theoretical discussion about the notion of planes of language in contemporary discursive semiotics. As the methodology of analysis, we will use theoretical aspects of Linguistic historiography, performed by researchers like E. F. K. Koerner, P. Swiggers and C. Altman, to provide a more precise parallel of the material that we intend to present. The corpus will count on studies by Lindekens, Floch and Thürlemann, who started analysis in the scope of the visual or plastic semiotics. We assume that the analysis presented in contemporaneity by Jacques Fontanille, Maria Giulia Dondero and Everardo Reyes-Garcia connect the debates held by Lindekens, Floch and Thürlemann, and articulates the concepts of substances and forms of content and expression in contemporary discussions, in order to motivate the debate about the notion of planes of language, mainly when unlinking the plane of expression from the theoretical methodological model consecrated in theory until now.

Keywords: content; expression; Semiotic Historiography; Discursive Semiotics.

Introdução²

Desde Greimas (1976 [1966], p.14), com o início da disciplina semiótica na década de 60, é sabido que a teoria semiótica busca métodos gerais “compatíveis com qualquer outra pesquisa sobre significação” e, assim, a metodologia da disciplina semiótica vem se construindo com o objetivo de analisar o texto por meio da articulação entre um plano do conteúdo (referente ao discurso) e um plano da expressão (referente ao texto, verbal e/ou não verbal) que manifesta o conteúdo. No entanto, essa busca foi motivada por definições terminológicas que dessem conta de observar qualquer tipo de texto, mesmo que pudesse “parecer igualmente pedante e supérflu[a] ao destinatário cujo sistema de referências culturais é literário ou histórico”, ou “insuficiente e excessivamente ‘qualitativ[a]’ aos lógicos e matemáticos” (GREIMAS, 1976 [1966], p. 14).

Correndo o risco de “descontentar a todos”, como definiu o próprio Greimas (1976[1966], p. 14), a teoria semiótica, ao longo dos anos, foi criando uma metalinguagem precisa com várias definições que dessem conta de analisar qualquer tipo de texto. A discussão teórica empreendida neste trabalho visa justamente arrolar um debate sobre as terminologias empregadas, ora por linguistas, ora por semiotistas, que possibilitam trabalhar com os planos da linguagem (plano do conteúdo e plano da expressão) de forma operatória para os textos que emergem na contemporaneidade. Tendo como base os procedimentos

2 O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

da Historiografia Linguística, empreendida por pesquisadores como Koerner (1996), Swiggers (2004, 2009, 2012) e Altman (1998), pretende-se realizar uma reconstrução da noção de planos da linguagem entre a década de 60 até os estudos mais recentes. Partiremos do legado de Saussure (2006 [1913]) e Hjelmslev (2006 [1943]) sobre a noção de signo e de formas e substâncias³ do conteúdo e da expressão à metodologia proposta por Greimas (1976 [1966], 1975 [1970]) para a estruturação do escopo teórico-metodológico da semiótica discursiva por meio dos planos da linguagem.

O corpus será composto de obras que fundamentam a teoria semiótica na contemporaneidade, em especial, as análises propostas por Jacques Fontanille (2005, 2008), Maria Giulia Dondero e Everardo Reyes-Garcia (2016). Nosso objetivo principal é traçar um construto teórico-metodológico da disciplina, apontando para os novos desdobramentos da teoria que deem conta das especificidades do plano da expressão. Para que haja um cotejo mais preciso do material que pretendemos apresentar, utilizaremos como metodologia principal a noção de *capa técnica* empregada por Swiggers (2004)⁴, portanto, será redobrada a atenção aos estudos de autores que despontaram análises no âmbito da semiótica visual ou plástica, sendo eles: Lindekens (1971 [1968]), Floch (1985, 2014 [1987]) e Thürlemann (1982, 1986).

Os debates apresentados por esses autores nas décadas de 60, 70 e 80 apontam diferenças entre os sistemas significantes descritos no percurso gerativo de sentido, modelo de análise consagrado pela teoria semiótica, além de retomarem conceitos sobre signo, com base nas preocupações que Saussure (2006 [1913]) explicitou na última década do século XIX em seus escritos, e formas e substâncias do conteúdo e da expressão, acepções que marcam o legado de Hjelmslev (2006 [1943]) ainda na década de 40. Pressupomos que as análises apresentadas por Jacques Fontanille (2005, 2008), Maria Giulia Dondero e Everardo Reyes-Garcia (2016) arrolam os debates empreendidos por Lindekens (1971 [1968]), Floch (1985) e Thürlemann (1986) e articulam e empregam terminologicamente os conceitos de substâncias e formas do conteúdo e da expressão nas discussões contemporâneas, motivando o debate sobre a noção dos planos da linguagem, principalmente ao desprender o plano da expressão do modelo teórico-metodológico até então consagrado na teoria.

3 Sobre discussões da forma e substância da expressão e forma e substância do conteúdo, conferir *Expressão e Conteúdo* na obra *Prolegômenos*, de Hjelmslev (2006 [1943], p. 53-64).

4 Swiggers (2004, p. 133-134, tradução nossa) propõe como dimensões ou capas para distinguir as diferentes manifestações de conhecimento linguístico, sendo: "A *capa teórica* corresponde à visão global da linguagem, a concepção das tarefas e do estatuto dos estudos linguísticos; a *capa técnica* inclui as técnicas de análises (linguística/gramatical) e os métodos de apresentação dos dados; a *capa documental* corresponde à documentação linguística e filológica (número de línguas, tipos de fontes e de dados) sobre o qual se baseia o estudo, a *capa contextual e institucional* corresponde ao contexto cultural e à contextura institucional (essa última torna-se mais importante à medida que se aproxima dos tempos modernos) da reflexão e das práticas linguísticas".

Seguindo a estrutura teórica de *capa técnica*, empregada por Swiggers (2004), a seleção do corpus proposto permitirá que realizemos uma abordagem (ainda que prévia) da metalinguagem no tratamento do termo “planos da linguagem”, seus hipônimos e análise das técnicas metodológicas nos textos-fonte selecionados. A *capa técnica* permite que observemos cada obra em uma conjuntura de dados e de acepções epistemológicas sobre o termo planos da linguagem, facilitando, assim, a compreensão de continuidades e descontinuidades na acepção do termo.

Lindekens (1968 [1971]), Floch (1985, 2014 [1987]) e Thürlemann (1982, 1986) ao debruçarem sobre a articulação entre os dois planos e trazerem para a discussão as materialidades significantes da expressão (forma e substância) contribuíram nesse sentido, pois reforçaram a ideia de o signo ser caracterizado como unidade indissolúvel, uma associação inseparável de significante e significado, como propôs Saussure (2006 [1913]). Seguindo esse princípio, o plano da expressão aparece nos dias de hoje, assim como o plano do conteúdo, como condição de sentido de toda e qualquer linguagem. Os trabalhos realizados por esses autores podem nos ajudar a responder algumas questões que surgem na contemporaneidade, como: se inicialmente a semiótica discursiva era delineada como uma ciência das formas e não das substâncias, hoje, com o surgimento de textos variados, como os sincréticos, podemos pensar na semiótica como uma ciência capaz de trabalhar também com as substâncias do plano da expressão?

Nos parece que é nesse sentido que a semiótica caminha, pois, ao observar novos textos que emergem na atualidade, foi preciso olhar para as substâncias da manifestação. Os estudos mais recentes de Fontanille (2005, 2008), Dondero e Garcia (2016) nos auxiliam nesse sentido, porque passam a observar e discutir a superposição de conteúdos a partir de um único conteúdo manifestado por diferentes substâncias da expressão. Os debates propostos sobre a concepção epistemológica de planos da linguagem, relação de conteúdo e expressão, bem como a construção metodológica dos planos no decorrer do tempo⁵ nos fazem refletir sobre três momentos distintos:

- Como se constitui, no âmbito das semióticas *standard* e visual, a relação conteúdo/expressão;
- De que forma ocorre a articulação entre o plano do conteúdo e o plano da expressão na apreensão do sentido por meio do percurso gerativo de sentido na semiótica visual;
- Como a semiótica contemporânea arrola o debate sobre os planos da linguagem de uma perspectiva teórico-metodológica.

⁵ Procedimentos definidos de acordo com a metodologia da *capa técnica* definida por Swiggers (2004).

Procuramos nas seções seguintes fazer uma reconstrução prévia que responda algumas questões e nos dê uma perspectiva diacrônica de como os planos da linguagem são trabalhados na contemporaneidade.

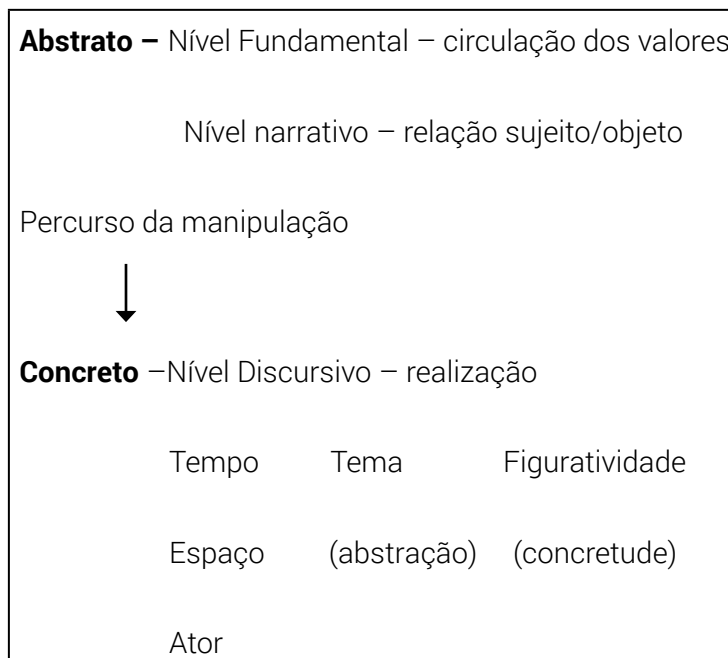
1. Estudos dos planos da linguagem

Não se pode tampouco introduzir antecipadamente uma descrição da substância como base da descrição linguística; mas a descrição da substância pressupõe, ao contrário, a descrição da forma linguística. (HJELMSLEV, 2006 [1943], p. 80)

De forma geral, o percurso gerativo de sentido representa no início da disciplina semiótica “a economia geral da teoria” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p.232), permitindo uma representação sugestiva e heurística (TATIT, 2011) para a construção de sentido. Nessa perspectiva, os planos da linguagem são caracterizados de forma hierárquica. Hierárquica, porque, na semiótica considerada *standard*, o plano do conteúdo dos textos é explorado a partir de níveis e componentes do modelo de geração de sentido proposto para o estudo desse plano. O plano da expressão, nesse primeiro momento, só é analisado para compreensão de suas especificidades (quando não há uma abstração da manifestação) e sua relação com a significação.

Desse modo, por conta da grande proeminência dos estudos narrativos no início dos anos 70, a semiótica *standard*, enquanto teoria de base eminentemente estruturalista, procurou explicitar relações lógicas do discurso por meio do percurso gerativo de sentido que, *grosso modo*, é composto por estruturas e elementos: a) no fundamental, há termos-objetos, formando uma estrutura elementar; b) no narrativo, actantes (destinador-manipulador, sujeito, destinador-julgador, oponente, adjuvante e objeto); c) no discursivo: categorias de pessoa, tempo e espaço que projetam o texto numa situação comunicativa, os temas – ou elementos abstratos, e as figuras – ou elementos concretos que recobrem os temas que lhes são subjacentes. Demonstramos no esquema abaixo um quadro que resume como o plano do conteúdo é trabalhado no percurso gerativo de sentido e nos três níveis que o compõem:

Quadro 1. Esquema do percurso gerativo de sentido.



Do abstrato ao concreto, o percurso gerativo de sentido é como “uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido” (FIORIN, 2002, p.17). No entanto, essa sucessão está imbricada na relação entre as formas que o conteúdo pode exercer em cada patamar. Para seguirmos com essa discussão, é importante lembrar que, de acordo com Hjelmslev (2006 [1943]), a forma é o que recorta a substância, ou, em outros termos, a forma (que é semêmica e descontínua) é o que produz o significado, enquanto a substância (que é semântica e contínua) só vai ganhar sentido com a “implementação” da forma. Assim, é compreendido na semiótica *standard* que a semiose depende não das substâncias do conteúdo e da expressão, mas da união das formas desses planos que constituiria o sentido do texto.

Sendo assim, o percurso gerativo de sentido, nos anos 60 e 70, organiza as formas do conteúdo no nível fundamental e no nível narrativo, e no nível discursivo organiza a forma do conteúdo e a forma da expressão. Essa pressuposição nos leva à compreensão do percurso gerativo de sentido, nesse primeiro momento, como uma sucessão de níveis que são compostos da seguinte maneira:

Nível fundamental: as oposições de base encontradas nesse nível são compostas por operações de negação e asserção de premissas, como enfatiza Fiorin (2002), e procuram explicitar os níveis mais abstratos para a interpretação do discurso. As categorias que

constroem a base de um texto e são fundamentadas em termos opostos são construídas nesse nível pelas formas do conteúdo distribuídas da seguinte maneira: formação de valores e categorias semânticas, estruturas que irão compor os valores gerados no próximo nível;

Nível narrativo: as formas do conteúdo, analisadas pela formação de valores e categorias semânticas, se transformam em valores inscritos nos objetos que irão relacionar-se com os sujeitos, seja por conjunção ou por disjunção, conferindo “A existência semiótica [...] relação biunívoca estabelecida entre sujeito e objeto: o sujeito só existe em relação ao objeto e vice-versa” (MENDES, 2017, p. 36). Essa relação também é pressuposta por desdobramentos das formas do conteúdo que irão somar-se a outras relações: relação entre sujeitos/objeto⁶ e a estrutura da sintaxe do texto, simulando assim a ação do homem no mundo;

Nível discursivo: nesse nível, as formas do conteúdo se relacionam com as formas da expressão, pois analisam-se as categorias de pessoa, tempo e espaço (formas do conteúdo), os temas (formas do conteúdo) e as figuras (formas da expressão). Assim, *grosso modo*, a coerência semântica do discurso do sujeito da enunciação ocorre por meio de percursos temáticos e figurativos. O percurso de tematização é caracterizado pelo reconhecimento de valores abstratos, passíveis de serem observados pela recorrência de isotopias que, de acordo com Greimas e Courtés (2012 [1979]), é o que torna o discurso uniforme e garante ao discurso-enunciado a homogeneidade. Bertrand (2003, p. 153) também pontua que a isotopia seja “a permanência de um efeito de sentido ao longo da cadeia do discurso”. Portanto, os temas são da natureza da forma do conteúdo, pois são conceituais e categorizam os elementos do mundo (FIORIN, 2002). Já os percursos figurativos, que se referem à figurativização, são “trazidos” pelo sujeito da enunciação, “atribuindo-lhes traços de revestimento sensorial” (BARROS, 2001, p. 72) e reconhecidos pela forma da expressão por meio das figuras. Assim, a figura é, portanto, algum elemento “perceptível no mundo natural” (FIORIN, 2002, p. 91).

Importante ressaltar que a busca pela significação por meio da forma do conteúdo, nos anos 70 e 60, tem sua atenção voltada para o plano do conteúdo justamente porque os textos que emergiam nessa época eram, em sua maioria, etnoliterários, o que significa observar as unidades mínimas do discurso por meio dos fonemas e lexemas em que as análises se referiam ao estatuto semântico, sintático e funcional do conjunto de unidades lexicais que caracterizam esses discursos. No entanto, a preocupação de criar bases sólidas para uma análise concisa faz com que a semiótica exclua, por um tempo, o seu campo de interesse no plano da expressão, deixando de lado o “sentido da expressão”, como problematizou Hjelmslev (2006 [1943]).

6 Para Fiorin (2002), os textos nesse nível são estruturados por uma “sequência canônica”, que compreende as fases de manipulação, competência, performance e sanção.

A discussão sobre o sentido da expressão desapontou na teoria com as semióticas poética e visual, ainda que mais profundamente na década de 80, e o texto passa a ser tratado em relação à manifestação, o que reforça a ideia de que o texto pode, e deve, ser definido pela homologação do plano do conteúdo e do plano da expressão. No entanto, na década de 70 há ensejos do próprio Greimas (1975b [1972]) em explorar o plano da expressão, quando o autor buscou a compreensão dos movimentos de aliteração e assonância na poesia que articulam, simultaneamente, os dois planos da linguagem, já que era preciso observar certos efeitos de estilo causados pela repetição de consoantes ou de sílabas ou a repetição de sons vocálicos, por exemplo.

Por outro lado, o trabalho com a expressão é apresentado por Lindekens (1971 [1968]) no final da década de 60, quando o autor passou a discutir o problema da substância da expressão, principalmente em textos como a fotografia. As problematizações empreendidas por Lindekens (1971 [1968]), em nossa hipótese, são retomadas na contemporaneidade por Fontanille (2005, 2008), Dondero e Garcia (2016) quando passam a discutir sobre o suporte formal e o suporte material e a noção de prática em semiótica. Nessa mesma hipótese, Fontanille (2005, 2008), Dondero e Garcia (2016) arrolam os debates propostos na década de 80, por Floch (1985, 2014 [1987]) e Thürlemann (1982, 1986), sobre a forma da expressão e a questão sobre a materialidade significativa nos textos resulta na discussão sobre o papel que os mecanismos sensoriais de percepção exercem na produção de sentido, principalmente pela análise das formas e substâncias no plano da expressão.

2. Estudos do plano da expressão

Elaborado a partir da ideia de significante (SAUSSURE, 2006 [1913]) e de expressão (HJELMSLEV, 2006 [1943]), o termo “plano da expressão” é conceituado em todo o percurso da semiótica discursiva. A princípio definido como a representação de uma ideia (SAUSSURE, 2002 [1913]) ou como a manifestação de um conteúdo manifestado (HJELMSLEV, 2006 [1943]), o plano da expressão, por muito tempo, foi caracterizado como um complemento às análises do plano do conteúdo. Assim, embora no início de seu percurso epistemológico Greimas (1976 [1966], 1975a [1970]) tenha deixado de lado o plano da expressão para se dedicar apenas ao plano do conteúdo, hoje, com base nos avanços da teoria ao longo dos anos, a semiótica pode avançar e observar o plano da expressão como parte de sentido do texto.

Lindekens (1971 [1968], 1975), no final da década de 60 e início da década de 70, foi um dos precursores do trabalho sobre o plano da expressão, principalmente ao tentar problematizar questões que envolvem a substância da expressão nos textos. No artigo intitulado “Approche d’une théorie de la substance sémiotique de l’image”, o autor iniciou

com uma retórica “A semiótica da imagem existe? Eu não diria isso”⁷ (LINDEKENS, 1975, p.5, tradução nossa). O autor considerava que a leitura e interpretação de uma imagem segue o padrão da leitura e interpretação de um texto escrito. No entanto, para Lindekens (1971 [1968]), a imagem engana quanto a sua “suposta” objetividade. O autor também enfatizou que o aspecto analógico pode sugerir que a imagem fotográfica, por exemplo, é espelho da realidade, quando, na verdade, é sempre uma reconstrução dessa realidade. Para ler uma imagem corretamente, como a fotográfica, é preciso observar as substâncias da expressão desta reconstrução. Desse modo, a semiótica da imagem, para Lindekens (1971 [1968]), devia focar o processo de iconização da realidade composta pela matéria da expressão.

Assim, como nos problematiza o autor, fotografar uma dada realidade, portanto, consiste sempre em conceituá-la semioticamente em duas linhas diferentes: por um lado, o que o fotógrafo tira da realidade (a afirmação objetiva, o enunciado); por outro lado, o que ele acrescenta a essa realidade através de sua própria atitude em relação a ela (a entrega subjetiva, a enunciação). De acordo com Lindekens (1971 [1968], 1975), de fato, a intervenção do sujeito humano na imagem, a experiência de vida desse sujeito e os componentes utilizados para registrar uma foto acrescentam uma dimensão puramente estética a todas as imagens. Essa proposta nos permite refletir sobre a materialidade significativa e seus possíveis desdobramentos por meio da substância da expressão. Lindekens (1971 [1968]) se torna essencial nessa perspectiva, pois traceja algumas contribuições sobre a substância da imagem ser variável, já que ela pode ser presentificada, representada ou re-representada.

No que diz respeito à análise de textos visuais, como a fotografia, constatamos que Greimas e Courtés (2012 [1979]), no verbete sobre semiótica planar, incorporaram a proposta de estudos voltados para o visual. Os autores caracterizavam a semiótica planar pelo emprego de um significante bidimensional (por exemplo, a fotografia, o cartaz, o desenho, entre outros). A semiótica planar seria direcionada, portanto, para estabelecer categorias visuais relativas a uma expressão, categorias essas que remeteriam ao conteúdo do texto.

Como nos mostra Fiorin (1999, p. 3), “a Semiótica não visa propriamente ao sentido, mas à sua arquitetura [...] deseja menos estudar o que o texto diz ou por que diz o que diz e mais como o texto diz o que diz”. Na concepção de Floch (1985), por exemplo, a semiótica visual ou plástica é relacionada aos estudos da significação de exemplares estéticos e, por consequência, constituída em certos tipos de substância. Trata-se, portanto, como nos direciona o autor, de analisar o substrato visual dos textos, para o qual “os dois termos de uma categoria do significante podem ser homologados àqueles de uma categoria do

7 No original: “La sémiotique de l’image existe-t-elle? Je ne l’affirmerais pas”.

significado" (FLOCH, 1985, p. 14-15, tradução nossa⁸). Essa afirmação proposta pelo autor nos remete aos conceitos de Saussure (2006 [1913]), sobre significado e significante, e enfatiza o caráter arbitrário que ocorre no semissymbolismo. O que distingue, no entanto, é que para Floch (1985) a semiótica visual ou plástica pode ser vista como um caso "particular" da semiótica semissimbólica, pois é estabelecida a partir da relação entre o visível e o inteligível. Para tanto, o autor voltou sua atenção aos detalhes dos elementos verbais e não verbais do texto por meio de suas características físicas (textura e saturação das cores) e espaciais através da materialidade textual (posição das imagens e dos enunciados, por exemplo), entre outros.

Em outros termos, Floch (1985) dedicou sua atenção às análises das formas da expressão e as substâncias dos elementos visuais (como cores, texturas, entre outros) no plano da expressão. De acordo com o autor, toda linguagem é um sistema de significação composto por signos verbais e não verbais que criam efeitos de sentidos dentro do próprio discurso (ou plano do conteúdo), assim:

Essa preocupação com a pertinência é essencial e particularmente eficaz em publicidade, pois ela permite controlar quais são as variações, as transformações de cores, a colocação na página ou do desenho que provocam a mudança de sentido, ou o inverso, quais são aquelas que não provocam essa transformação. (FLOCH, 1985, p. 153, tradução nossa⁹).

Vale dizer, então, que Floch (1985), embora compreendesse que a substância da expressão faça parte do todo sentido do texto, acreditava que as qualidades "físicas" dos signos verbais e não verbais são perceptíveis de serem analisadas pelas formas da expressão e do conteúdo referenciado pela percepção das qualidades visuais dos elementos linguísticos e não linguísticos. Segundo a perspectiva de Floch (1985), os textos são a expressão material de elementos sensoriais e de categorias plásticas, figurativas e semânticas geradas discursivamente. O que equivale a dizer que a relação entre o plano do conteúdo (conceitos, temas e abstrações) e o plano da expressão (substância, forma textual e figuras) regula o estabelecimento da semiótica plástica.

Greimas (2004 [1984]), em problematizações anteriores, já havia renunciado o papel dos objetos plásticos como objetos significantes na semiótica visual ou plástica. Para o autor,

8 No original: "les deux termes d'une catégorie du signifiant peuvent être homologues à ceux d'une catégorie du signifié".

9 No original: "Ces ouci de la pertinence est essentiel et particulièrement rentable en publicité, car il permettra de contrôler quelles sont les variations, les transformations de couleurs, de mise en page ou de dessin que provoquent un changement de sens ou, à l'inverse, quelles sont celles que n'en provoquent pas".

tratava de estudar exemplares reelaborados a partir das línguas naturais “na elaboração secundária desta que é a linguagem poética”, pois seria possível comparar as categorias presentes em um texto plástico àquelas advindas da reelaboração estética das línguas naturais. Como explicou Greimas (2004 [1984], p. 92-93), não se trata apenas de tomar os objetos plásticos como portadores de significação: “o problema não é, portanto, o de proclamar que o significante plástico ‘significa’, mas é procurar compreender como ele significa o que significa”.

Assim, o estudo sobre o plano da expressão encontrado nos trabalhos de Floch (1985) e Greimas (2004 [1984]) opera metodologicamente por meio da identificação dos formantes, dos contrastes plásticos e da montagem de níveis constituintes como termos de uma mesma categoria plástica que se relacionam em “co-presença” em qualquer um dos níveis do plano da expressão. Para Floch (1985, p.46, tradução nossa), “uma parte da cadeia da expressão corresponde a uma unidade do plano de conteúdo¹⁰”. Desse modo, os contrastes plásticos, colocados como elementos em um sintagma, configuram as oposições que inferem no processo de significação desde o nível fundamental e as oposições de base, como: claro vs. escuro, cor quente vs. cor fria, horizontal vs. vertical, entre outras, como reconstruímos no quadro abaixo:

Quadro 2. Reconstrução do quadro de Lopes (2003)

Formantes plásticos	Exemplos
Formantes cromáticos	Cores – Branco vs. Preto; Verde vs. Vermelho.
Formantes eidéticos	Traços – Reto vs. Curvo; Redondo vs. Quadrado.
Formantes topológicos	Categorias espaciais – Alto vs. Baixo; Central vs. Marginal

Nível superficial	Forma (dimensão eidética)
Nível intermediário	Cor (dimensão cromática)
Nível profundo	Luz

10 No original: “une partie de la chaîne de l’expression correspondant à une unité du plan du contenu”.

Felix Thürlemann (1982), semioticista que também enfatizou esse tipo de abordagem, apresentou um interesse particular pela semiótica visual ou plástica, no entanto, propondo que os textos estéticos presidem, simultaneamente, a produção e a recepção das obras de arte nos limites de um espaço e tempo determinados. Na análise *Blumen-Mythos (Flowermyth)*, de Paul Klee, Felix Thürlemann (1982), por exemplo, relacionou a repetição interna que encontra na obra de Klee (em particular, os formantes eidéticos, curso vs. reto) por meio das oposições entre natureza e cultura, propondo uma análise figurativa da pintura. Thürlemann (1982), assim como Floch (1985), não desprezou a importância da substância da expressão, mas acreditava que é a forma da expressão que caracteriza as distinções de cor, de forma e de localização no espaço para a compreensão de um texto. É nesse sentido que Thürlemann (1991 [1989]) esclareceu que a noção do termo eidético foi adotada pela semiótica visual ou plástica para evitar a utilização do termo forma, da proposta de Hjelmslev (2006 [1943]), assim os formantes eidéticos seriam as organizações das formas da expressão e as relações entre os planos do conteúdo e da expressão. O autor também representou um avanço sobre a questão da figuratividade no interior do discurso pictural ao relacionar a figuratividade com as unidades de um plano de articulação de elementos entre os contrastes da expressão caracterizados pelos formantes plásticos (cromáticos, eidéticos, topológicos).

Percebe-se que, nesse intervalo de tempo que compreende desde a semiótica considerada *standard* até a semiótica voltada para o visual, “[...] a disciplina ‘pura e dura’ que muitos quiseram ver na semiótica se transformava em um espaço plural habitado por diversas iniciativas e desenvolvimentos variados.” (DORRA, 2002, p. 118). Assim, todas essas reorganizações “[...] devem ser consideradas um sinal de saúde e de vitalidade de uma semiótica que pretende ser um projeto de pesquisa e uma pesquisa que se está fazendo.” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 454).

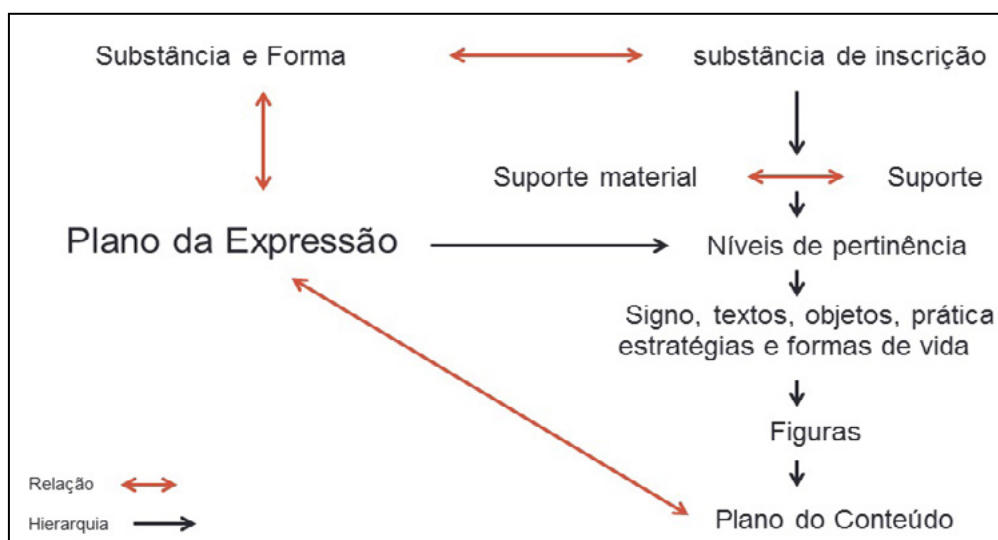
Na contemporaneidade, o semioticista Jacques Fontanille (2005) passa a observar o delicado problema da substância da expressão a partir da hierarquia dos níveis de pertinência e introduz os conceitos de suporte formal e suporte material, que permitem pensar a relação entre a imagem como texto e a imagem como objeto. Como nos orienta o autor, as noções de formas e substâncias do conteúdo e da expressão compõem as instâncias formais (forma) e materiais (substância) dos níveis de pertinência de análise semiótica (FONTANILLE, 2008). A relação entre essas instâncias permite que cada nível seja entremeadado um ao outro “obedecendo a um princípio constante: a esquematização, em um nível dado, das propriedades materiais e sensíveis que estavam associadas às semióticas-objeto dos níveis precedentes” (FONTANILLE, 2008, p. 35). Desse modo, temos os planos da linguagem em uma conversão de uma experiência semiótica, em que a forma e substância do plano do conteúdo “operam” em relação ao encaixe da forma e da substância da expressão no processo de significação.

O percurso gerativo da expressão, proposto por Fontanille (2008), lança o olhar para alguns caminhos possíveis da semiótica contemporânea. O nível das práticas, por exemplo, traça uma “linha” que envolve conteúdo, expressão e percepção, na medida em que a situação enunciativa pode ser observada em conjunto com a prática discursiva e com os sujeitos que compõem esse processo. Essa junção de elementos, situação, prática e sujeitos, compõe um escopo teórico-metodológico que envolve os planos da linguagem no momento da experiência semiótica, já que é preciso observar como esses três elementos juntos inferem na significação. Por isso, os níveis apresentados pelo autor representam a conversão semiótica dos planos da linguagem na situação de interação entre um nível e outro. Embora haja distinções em como eles se formam em cada nível, por meio dos formantes plásticos e formantes materiais, há uma discussão sobre as condições das formas e das substâncias do conteúdo e da expressão em cada nível de análise.

Dondero e Garcia (2016) também discutem as noções de suporte formal e suporte material na relação entre fotografia como texto e fotografia como objeto. Para os autores, o primeiro problema a ser enfrentado é o fato de que o significado de uma imagem não depende exclusivamente de uma relação entre a forma da expressão e a forma do conteúdo de acordo com a codificação semissimbólica. Dondero e Garcia (2016) acrescentam que o meio de inscrição no plano da expressão é o que determina a significação do texto a seus aspectos sensíveis e o valor representativo dessas formas. Estudar a relação entre o texto e o objeto, ou seja, a relação entre o texto e seu meio de registro (inscrição), nos permite observar, de acordo com Dondero e Garcia (2016), a relação entre suporte/aporte e/ou forma/substância da expressão, manifestada como um ato de formação e inscrição de formas futuras. De acordo com os autores, a investigação dos suportes e da substância do plano da expressão permite não apenas especificar as proposições feitas no percurso gerativo da expressão, mas, também, de relatar de forma estruturada as transformações ligadas aos suportes materiais e formais e às possibilidades de escrita que eles oferecem.

Pressupomos, dessa maneira, a partir dessa breve exposição, que a semiótica contemporânea se estrutura de acordo com o esquema abaixo:

Quadro 3. Esquema de relações entre o plano do conteúdo e o plano da expressão na semiótica contemporânea



As relações presentes no esquema demonstrado, bem como a noção de hierarquia dos termos que constroem nossa hipótese de um esquema da semiótica contemporânea, nos permitem esboçar algumas problematizações e inspirações que emergem com as contribuições de Fontanille (2005, 2008), Dondero e Garcia (2016). Se na semiótica considerada *standard* havia uma construção detalhada da relação das formas do conteúdo e seus possíveis desdobramentos, temos com a semiótica contemporânea, graças às contribuições de Lindeken (1971 [1968]), Floch (1985), Thürlemann (1982), Fontanille (2005, 2008), Dondero e Garcia (2016), uma relação mais estreita entre as formas e substâncias dos planos da linguagem que nos permite condensar terminologias teóricas em procedimentos metodológicos.

Hoje, na contemporaneidade, a semiótica lança o olhar para as práticas e para uma observação mais profunda sobre as materialidades significantes compostas pela substância da expressão, o que até então, salvo o trabalho de Lindeken (1968 [1971]), Floch (1985) e Thürlemann (1982, 1986), não havia sido explorado. É nesse contexto que os trabalhos feitos por Fontanille (2005, 2008), Dondero e Garcia (2016) surgem como respostas e pressuposições de uma disciplina que não é mais indiferente aos sentidos da visão, da audição, do olfato, do gosto e do tato. E justamente para delinear um contexto que abriga aspectos teóricos e metodológicos da semiótica que nos propomos a discutir essas questões que vão “aquém e além do percurso gerativo” da semiótica *standard*, conceitos e terminologias que partem para o outro plano da semiose¹¹: a expressão.

11 Função semiótica, ou simplesmente semiose, refere-se à união indissociável dos dois planos da linguagem (conteúdo e expressão). “Entre ambos há interdependência, pois que são complementares. Mas entre as unidades dos dois planos há constelação (porque a ideia não evoca necessariamente o significante, e este não evoca necessariamente aquela).” (HJELMSLEV, 1991, p. 169).

Considerações finais

Os avanços teórico-metodológicos acerca da semiótica discursiva, em especial, o modelo operatório e conceitual dos planos da linguagem, nos direcionam a uma teoria transversal, se assim podemos dizer, com pressuposições que nos levam a novos horizontes de aplicações e questionamentos que instigam o pensamento semiótico contemporâneo. Como síntese das discussões arroladas acima, apresentamos uma construção diacrônica, com base no modelo de *capa técnica* de Swiggers (2004), da proposta teórico-metodológica de planos da linguagem no decorrer dos anos 60 até a contemporaneidade para que possamos acompanhar os momentos de continuidade, fluidez e ruptura que constituíram e constituem a semiótica discursiva.

Quadro 4. Reconstrução das principais características sobre os planos da linguagem entre os anos 60 até a contemporaneidade.

Plano do conteúdo	Anos 60 e 70	Nível fundamental	Nível narrativo	Nível discursivo	
		Forma do conteúdo (formação de valores/categorias semânticas)	Forma do conteúdo (relação entre sujeito e objeto/ estrutura da sintaxe)	Forma do conteúdo e Forma da expressão (percursos temáticos e figurativos/ estruturas semânticas e da sintaxe)	
Plano da expressão	Anos 80	Nível superficial	Nível intermediário	Nível profundo	
		Forma da expressão (dimensão eidética e dimensão topológica)	Forma da expressão (nível intermediário/ dimensão cromática)	Forma da expressão e Forma do conteúdo (nível profundo/ luz)	
	Homologação das categorias semânticas (relação semissimbólica)				
	Após anos 2000	Percurso gerativo da expressão			
		Níveis de pertinência			
Suporte Formal (forma do conteúdo e da expressão) Suporte Material (forma e substância da expressão e do conteúdo)					

Procuramos estabelecer um ensaio das principais acepções em torno de planos da linguagem na semiótica discursiva, bem como a aplicabilidade metodológica de cada autor. De todo modo, acreditamos que o estudo da noção de planos da linguagem possibilitou-nos religar e recontextualizar os saberes produzidos pela semiótica, possibilitando discutir, mesmo que brevemente, as questões sobre as especificidades das formas e substâncias do conteúdo e da expressão. Não significa, no entanto, que essas “novas” formas de fazer semiótica têm pretensão de substituir a semiótica considerada *standard*, mas, sim, a de apontar outras direções e pontos de vista para uma disciplina que se mantém “viva” e em contínua remodelação. Nos atemos para encerrar, por ora, essa discussão, ao ensinamento de Portela (2008, p. 109): “O devir do percurso gerativo da expressão seguirá de perto o devir da própria semiótica e dependerá, entre outros fatores, do lugar que a semiótica ocupará em um futuro próximo nas ciências humanas e sociais [...]”.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, C. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas, 1998.

BARROS, D. L. P. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.

DONDERO, M. G.; GARCIA, E. R. Les supports des images: de la photographie à l'image numérique. *Revue française des sciences de l'information et de la communication*, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rfsic/2124?lang=en#tocfrom1n2>. Acesso: 30 nov. 2017.

DORRA, R. Perspectiva da semiótica. In: GREIMAS, A. J. *Da imperfeição*. Tradução Ana Cláudia Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

FIORIN, J. L. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. *DELTA*, Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 1-13, 1999.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2002.

FLOCH, J. M. *Petites mythologies de l'œil et de l'esprit. Pour une sémiotique plastique*. Paris: Hadès-Benjamins, 1985.

FLOCH, J. M. A contribuição da semiótica estrutural para o design de um hipermercado. *Galaxia*, São Paulo, n. 27, p. 21-47, jun. 2014 [1987].

FONTANILLE, J. Du support matériel au support formel. In: ARABYAN, M.; KLOCK-FONTANILLE, I. (ed.). *L'Écriture entre support et surface*. Paris: L'Harmattan, 2005. p.183-200.

FONTANILLE, J. *Pratiques sémiotiques*. Paris: PUF, 2008.

GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural: pesquisa de método*. 2. ed. São Paulo: Cultrix/ Universidade de São Paulo, 1976 [1966].

GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido – ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975 [1970].

GREIMAS, A. J. (org.). *Ensaio de semiótica poética*. São Paulo: Cultrix, 1975b [1972].

GREIMAS, A. J. Semiótica figurativa e semiótica plástica. In: OLIVEIRA, A. C. de (org.). *Semiótica plástica*. Tradução Assis Silva. São Paulo: Hacker Editores, 2004 [1984]. p. 75-96.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2012 [1979].

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2006 [1943].

KOERNER, K. Questões que persistem em Historiografia Linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, p. 45-70, 1996.

LINDEKENS, R. *Éléments pour une sémiotique de la photographie*. Paris: Didier, 1971 [1968].

LINDEKENS, R. Imagens pornográficas e imagens de arte – abordagem de uma teoria de uma substância da imagem. *Revista Calígrama*, v. 1, n. 3, [não paginado], 2005 [1975]. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/56699/59728>. Acesso em: 05 nov. 2017.

LINDEKENS, R. Approche d'une théorie de la substance sémiotique de l'image. *Revista Significação*, n. 2, p. 5-26, 1975. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/issue/view/7017>. Acesso em: 03 mar. 2018.

LOPES, I. C. Entre expressão e conteúdo: movimentos de expansão e condensação. *Itinerários*, n. esp., p. 65-75, 2003.

PORTELA, J. C. Semiótica midiática e níveis de pertinência. In: DINIZ, M. L. V. P.; PORTELA, J. C. (org.). *Semiótica e Mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru: UNESP/FAAC, 2008. p. 93-113.

MENDES, C. M. Modalizações do fazer no episódio "Hino Nacional", do seriado Black Mirror. *Revista Significação*, São Paulo, v. 44, n. 48, p. 32-52, jul./dez. 2017.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1913].

SWIGGERS, P. Modelos, Métodos y Problemas en la historiografía de la lingüística. Nuevas Aportaciones a la historiografía lingüística. *Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL*, La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2003, p. 113-146, 2004.

SWIGGERS, P. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. *Revista argentina de historiografía lingüística*, v. 1, n. 1, p. 67-76, 2009.

SWIGGERS, P. Historiografia da linguística: objeto, metodologia, modelização. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 38-53, 2012.

TATIT, L. *Musicando a semiótica: ensaios*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2011.

THÜRLEMANN, F. *Paul Klee. Analyse sémiotique de trois peintures*. Lausanne: L'Age de l'homme, 1982.

THÜRLEMANN, F. Semi-symbolique (system, langage, code). In: GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Sémiotique: Dictionnaire Raisonné de la Theorie du Langage*. Tome II. Paris: Hachette, 1986. p. 203-204.

THÜRLEMANN, F. Verbetes "Cromática", "Eidética", "Topológica" (categorias). In: GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Sémiotique: Dictionnaire Raisonné de la Theorie du Langage*. Tome II. Madrid: Editorial Gredos, 1991 [1989].